

Wanda Hanke nos interstícios do *establishment*¹

Josiéli A. Spenassatto (Doutoranda UFPR/Brasil)

Palavras-chave: Wanda Hanke; pesquisadores germânicos; Museu Paranaense

Apresentação

Desde o século XIX, as mulheres têm contribuído para o conhecimento etnográfico de países distintos dos seus e para o desenvolvimento do tema do folclore/etnologia como viajantes para partes remotas do mundo, como pesquisadoras, desenhistas e fotógrafas. (BEER, 2007).

A despeito da obviedade, todas elas se inseriram em contexto de viagem e de produção de algum material científico de forma amadora ou não, assim como acontecia também com os homens. Esse olhar para trás buscando as estudiosas menos conhecidas é algo que vem sendo feito principalmente nas últimas décadas do século XXI, mas que já havia disparado no estudos monumentais dos anos 1990, como o livro organizado por Ruth Behar e Deborah Gordon “Women Writing Culture” (1995).

São muitas particularidades nas configurações pessoais, históricas e sociais que refletem nos esforços empreendidos por cada uma delas. Mas resgatar e colocar todas essas peculiaridades em perspectiva permite extrair reflexividade a respeito da história da antropologia, uma história, ou muitas histórias, que são multifacetadas, e claro, configuradas em/junto com discrepâncias de gênero entre homens e mulheres.

¹ Trabalho apresentado na 33ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

Registro nesta comunicação elementos da carreira de Wanda Hanke, uma etnógrafa de origem austríaca com atuação na América do Sul durante a primeira metade do século XX. Além de apresentar nuances de sua origem pessoal e de suas motivações científicas, experimento um contraste, ainda em desenvolvimento, com outros pesquisadores contemporâneos e de origens semelhantes, e que, tal como ela, tiveram caminhos cruzados com o Museu Paranaense², em Curitiba. Este museu apresentava um *modus operandi* padrão que incidia ou reiterava o lugar social que foi permitido a Hanke: ele tinha papel ativo na captação de *know-how* de agentes com maior ou menor grau de amorosismo e em situações de fragilidade civil no Brasil, visando com isso incrementar o volume e diversidade de coleções para suas prateleiras.

Essa história cruzada, entre Hanke e Mupa, magnetiza o histórico de relações desta instituição com outros agentes germânicos da época, Gunther Tessman e Reinhard Maack, figuras masculinas em circunstâncias de vida e de pesquisa relativamente parecidas à de Hanke. Aproximar e contrastar as experiências de vida e de relações institucionais concretas desses expatriados, migrantes, profissionais e amadores possibilita vislumbrar a escrita e atuação deslocadas de Hanke, bem como permite vislumbrar uma situação de caso de diferentes condutas e interesses que criavam e reproduziam redes que burlavam o establishment profissional, intelectual e museológico, embora na busca por fazer parte dele, e as particularidades das rasuras de gênero amalgamadas nesses processos.

Como cheguei até Hanke

Cheguei até Hanke através de alguém que conheci no trabalho. Mariana Sombrio, uma pesquisadora reservada e extremamente inteligente, veio até o museu em 2018 para consultar a coleção, já para estudos do seu pós-doc. Eu era recém chegada no Museu Paranaense para ocupar a função de antropóloga, e não tinha passado por nenhum batismo de fogo, ainda, pois não conhecia nada. Mariana falava de Hanke com uma empolgação semelhante à que me vejo controlando hoje, para não ficar chato. Peças de origem indígena do chaco paraguaio, da Bolívia, do Mato Grosso e do sul do Brasil. Ornamentos plumários, muitas peças tecidas, cerâmicas, pequenas revelações fotográficas... são objetos de corpo, de notória beleza e mistério, uns diversificados dos outros, inúmeras tipologias.

² Mupa ou museu também serão formas de se referir a esta instituição ao longo do texto.

E chama muita atenção também a documentação, porque é muito completa durante a fase em que Hanke e agentes do museu fizeram transações. Isso em comparação com outras grandes e importantes coleções etnográficas do Museu Paranaense. Imagine você uma caixa-arquivo branca, dentro um grande envelope também branco, enlaçado. Ao abri-lo, como um presente, saltam vários papéis amarelados, telegramas com mensagens de pedido de socorro financeiro, manuscritos feitos à tinta azul, com uma letra bonita que despista a formação em medicina, mensagens reportando a estadia entre esse ou aquele grupo indígena, as dificuldades, as negociações, as ajudas obtidas, as discriminações manuscritas de coleções remetidas.

O conteúdo de seus registros ainda surpreende porque em momento algum menciona qualquer equipe que lhe ajudasse a realizar as expedições, nenhum familiar, companheiro ou assistente, configuração que era a mais comum para as mulheres da época. Aparentava estar e escrever sempre sozinha, relatando viagens a regiões pouco conhecidas e atravessando muitos anos a fio, sugerindo coragem e longevidade das suas tarefas exploratórias.

Comecei a mobilizar essa coleção para ações com sujeitos indígenas que o museu promove e nesse manipular frequente me vi interessada em divulgar essa riqueza também entre os pares da antropologia. Passei a realizar comunicações em eventos da área e produzir artigos que abordam Hanke para além de uma fonte historiográfica, mas investigando a sua metodologia etnográfica e analisando seus vínculos teóricos.

Wanda Hanke em movimento

Uma mulher, nos anos 1930, de classe social estabelecida, estudada em filosofia, medicina e direito³, na faixa dos 40 anos de idade, mãe solo de um menino, parte, sozinha, para um outro continente jamais visitado antes e passa a trabalhar, também sozinha, em um ramo no qual não teve formação profissional e bastante diferente - para falar o mínimo - das áreas em que se formou e atuou profissionalmente: na documentação de grupos indígenas, colecionamento amador e venda de objetos etnográficos. Uma mulher que troca a estabilidade do suporte familiar e do emprego como médica por uma vida solitária, itinerante e na ilegalidade por diversos períodos, na busca por aquisição e venda de objetos para museus sul-americanos e da Europa,

³ Segundo (Liener, 2010, p. 11), ela foi a primeira mulher a obter três doutorados no mundo de língua germânica.

construção de listas de vocabulários e línguas, dados antropométricos, mitos, histórias e retratos fotográficos dos indígenas. Uma mulher que faleceu também sozinha, longe de casa, em plena amazônia do município de Benjamin Constant, no ano de 1958, com 65 anos de idade. (LIENER, 2010; SOMBRIO, 2014).

Ela é Wanda Theresia Leokadia Hanke, nascida em território do Império Austro-Húngaro no ano de 1893, e deslocada de Viena - onde permaneceu toda a família e o filho - para a América do Sul em 1934. Foi a sua primeira viagem de uma trajetória de 24 anos entre Argentina, Bolívia, Brasil e Paraguai, e que contou apenas com dois regressos à terra natal, uma vez neste início de carreira e a outra no que seria o final de sua vida.⁴

⁴ As viagens para a Europa serviram para vender as coleções, dar conferências e arrecadar financiamento para novas viagens e pesquisas. A última viagem foi em 1955, quando permaneceu na Europa por aproximadamente dois anos, e então regressou para o Brasil.

Figura 1: Única imagem da coleção na qual Hanke aparece, provavelmente entre os Kaingang do Paraná em 1948.



Fonte: Acervo Museu Paranaense.

Chama atenção uma mulher, naquela época, não casada, não vinculada a parceiros ou expedições de pesquisa, estudada, madura, sem rede social alguma no lugar de destino — outro continente, com línguas completamente diferentes, sem garantias de segurança, extremamente determinada a conquistar espaços sociais cujas portas estavam fechadas ou levemente entreabertas para as mulheres em geral, mas sobretudo para mulheres na sua condição.

Ainda que pouco detalhados, estes dados são importantes para contextualizar o momento em que Hanke envia o primeiro pedido às autoridades brasileiras, para realizar estudos etnológicos e se estabelecer em solo americano. Este pedido, bem como o posterior, de 1940, foram negados pelo Conselho de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas do Brasil (doravante denominado CFE / 1933-1968), tornando

proibida a execução de qualquer expedição de estudo no Brasil (LIENER, 2010; SOMBRIO, 2014). A partir de 1934, então, Hanke agregava outro fator para a sua galeria de características inusitadas: a ilegalidade, pois ela veio e atuou no Brasil mesmo assim.

Analisando sua trajetória acadêmica, através das dissertações defendidas nas três áreas de formação de Hanke, Liener (2010) deduziu algumas características de sua personalidade, como o “compromisso pessoal” em suas pesquisas. Nos trabalhos em medicina, por exemplo, procedeu a estudos qualitativos, com pacientes, demonstrando ser bastante comunicativa, habilidosa e empática. Na área do direito, onde dedicou-se a uma dissertação puramente literária que trata da comparação e aplicação de textos legais, também Liener distinguiu uma erudição de escrita, que pode ser considerado um requisito para a atividade de pesquisa. Por esse ângulo, Liener (2010, p. 16) compreendeu que “mesmo que Wanda Hanke não estudasse etnologia – *Völkerkunde* na época –, ela ainda assim tinha uma base científica para seus estudos de campo, e demonstrava coragem e motivação para aprender coisas novas.”⁵

No entanto, apesar dos esforços em remontar a biografia de Hanke, Liener (2010) não encontrou evidências diretas sobre as motivações da pesquisadora em se dedicar à etnologia. Silvia Tragner, neta de Hanke e interlocutora de Liener, compartilhou algumas suspeitas a esse respeito, como a falta de oportunidades para que Hanke desempenhasse seus interesses científicos na Europa, e as doenças que ela enfrentava, como a depressão, resultando em internamentos, por diversas vezes, em clínicas da Áustria e da Alemanha. Quanto à falta de oportunidades profissionais, pelo menos no Brasil, pude constatar que Hanke não encontrou portas abertas tão cedo.

Amparada em outros estudos que versam sobre motivações de pesquisas etnológicas entre mulheres de língua germânica, Liener (2011, p. 16) ainda cogita que o desejo inquietante de viajar e uma espécie de nostalgia do exotismo estavam nos horizontes de vida de Hanke. Além disso, Wanda Hanke cresceu sob o colapso paulatino da monarquia austro-húngara, e sua família mudou de local de residência com bastante frequência, algo que pode ter despertado seu interesse por outros modos de vida.

Contextualizando antropologias e museus

⁵ Tradução livre.

Até os anos 1940, quando o Museu Paranaense vinha de maneira crescente galgando uma posição de reconhecimento no cenário científico/museológico, eram os homens que estavam compondo a massiva quantidade de doações ou vendas de peças, bem como realizando as pesquisas financiadas pela instituição. Wanda Hanke foi a primeira e a única mulher pesquisadora envolvida em coletas etnográficas sistemáticas para o Mupa naquele período.

O arco temporal das atividades etnológicas de Hanke remonta a uma antropologia que tinha corpo na prática museológica, momento em que o próprio curso de antropologia acadêmica ainda não existia no Paraná, e sim nas redes de relações entre colecionadores e nas exposições⁶ por onde circulavam objetos relativos aos povos nativos.

Para contextualizar a presença de Hanke no Brasil dos anos 1930-1940 é fundamental compreender o lugar dos trânsitos científicos entre América e Europa naquele momento. Segundo Grupioni (2008), foi na prática colecionista de tradição histórico-cultural germânica que a atividade museográfica alcançou proporções inigualáveis, e o Brasil era um dos territórios de maior afluxo de peças etnográficas para os museus europeus, sobretudo para os museus alemães. E desde a segunda metade do século XIX, o cientificismo de cunho evolucionista, central na França e na Alemanha, ganhava cada vez mais força no Brasil, algo atestado no primeiro museu etnográfico deste país, o Museu Nacional (PACHECO DE OLIVEIRA, 2007). Isso quer dizer que viajantes e pesquisadores alemães vinham diretamente ao Brasil realizar pesquisas e com isso formar coleções. E, paralelamente, a produção antropológica com esta influência se estabelecia no Brasil.

Os caminhos de Hanke se cruzam aos do Mupa precisamente neste contexto de chegada de diversos pesquisadores germânicos ao Brasil, e quando esta instituição passou por uma transmutação importante no final da década de 1930, marcada pela diretoria do médico e antropólogo José Loureiro Fernandes.

Considerando que a presença de certos pesquisadores nos cargos de direção dos museus, como observado por Grupioni (2008), podia direcionar os esforços de coletas

⁶ A fundação do museu (1876) se conecta com o histórico de participação de representantes da então Província do Paraná em eventos chamados de 'exposições'. Elas apresentavam um caráter similar ao que hoje chamamos de feiras agrícolas/tecnológicas, e que mobilizadas em contexto local, nacional e internacional tinham como objetivo divulgar e promover as realizações econômicas e portanto, "civilizatórias" empreendidas por cada território. Esta província compôs junto ao Império do Brasil em exposições em Paris (1867), em Viena (1873) e na Filadélfia (1876) (HANKEL, p. 84).

para áreas de interesse específicas, o caso de Loureiro Fernandes exemplifica bem esta asserção. A sua direção não só promoveu várias expedições de coleta e pesquisa como agenciou outros pesquisadores para tal fim, procurando aumentar os acervos.

E o que Loureiro Fernandes inaugurava era a atenção às pesquisas arqueológicas e etnológicas, e a inexorabilidade entre pesquisa e coleta de campo. Entre as várias motivações para as coletas promovidas por ele, estava a convicção de que costumes e mesmo grupos inteiros de indígenas estariam à beira da extinção e que, portanto, seria necessária uma intervenção, fosse ela no sentido de preservação do que ainda existisse, fosse para capturar os restos mortais, por assim dizer, do que já estivesse desaparecido. Era a “antropologia de salvamento” - um dos critérios comuns à naturalistas e etnólogos alemães - para a coleta de peças de povos indígenas. É de se destacar também a sua participação no movimento mais amplo pelo qual passava a antropologia de virada para o trabalho de campo como a principal e fundamental metodologia de pesquisa na área.

Hanke estava atuando em uma época e em um território onde a antropologia ainda não era localizada nas universidades. Era na própria atuação prática em antropologia e linguística que ela tinha seu meio de formação. Lévi-Strauss, por exemplo, foi chamado para lecionar sociologia na USP nos anos 1930, pois ainda não existia uma cadeira de antropologia especificamente. No Paraná, foi apenas nos anos 1950 que foi criado o departamento de Antropologia, em Curitiba, na então Universidade do Paraná. Na América Latina de modo geral foi somente no final do século XX que ocorreu um processo crescente de consolidação das carreiras antropológicas, mediante a criação dos departamentos especializados.

Além disso, é sugestivo considerar o contexto de expansão dos museus em diferentes cidades, museus locais ou regionais, alguns vinculados a espaços universitários e estatais, outros relacionados a doação ou venda de coleções particulares. Os agentes museais se caracterizavam, no período, por estabelecer certas formas de constituir suas coleções, recorrendo sobretudo a redes de contatos prévios, especialmente professores de universidades de diferentes regiões, e através da obtenção de materiais em seus próprios projetos de pesquisa. Nos museus com esses perfis locais-regionais se popularizou a constituição de coleções arqueológicas, folclóricas e etnográficas através de relações acadêmicas e extra-acadêmicas (ARIAS, 2017, p. 107).

O Museu Paranaense e os pesquisadores germânicos

Se existe uma gíria brasileira que poderia resumir o estilo de vida de Hanke, ao menos nas fases de relação com o Mupa, é perrengue. Nas negociações com a instituição ela acusava dificuldades e solicitava ajudas diversas. Eram dificuldades de saúde, financeiras, trabalhistas, diplomáticas e sociais nas viagens de pesquisa. Isso é sabido através de praticamente todas as correspondências com o museu, nas quais ela acusa a necessidade de recursos para se manter, más condições de trabalho nas expedições - relatando que muitas vezes dormiu nas intempéries, sob chuva e frio -, que sofreu com o rebaixamento e exploração de seu trabalho por pares cientistas de outros museus, e que teve problemas em alfândegas da Bolívia e do Brasil - tendo enfrentado retenções das suas coleções e tendo sido detida algumas vezes em contextos de aduanas.

É possível perguntar em que medida a comunicação de todos estes dramas profissionais servia como estratégia de negociação, fazia parte do escopo do que se deveria dizer e como para convencer os compradores a adquirir os seus produtos, tal qual funciona para outras transações comerciais. Apesar disso, proponho um exercício comparativo específico, com alguns aspectos da trajetória de dois outros pesquisadores de origem germânica, Günther Tessmann e Reinhard Maack, como uma das formas de dimensionar até que ponto as adversidades reportadas por Hanke também são dados concretos de sua jornada, e quais os aspectos que aproximam e quais os que afastam as experiências de vida e de reconhecimento profissional dos três. Além disso, o contraste traz à tona os sentidos das ações do Museu Paranaense no período, vindo ao encontro desses pesquisadores e dedicando-lhes diferentes tratamentos. Destaco que este é um exercício inicial e que portanto padece de aprofundamento típico dos inícios.

Günther Tessmann

A coleção de objetos etnográficos peruanos armazenada no Museu Paranaense é resultado do trabalho de campo realizado por Günther Theodor Tessmann (1884-1969), principalmente entre os Shipibo, Konibo e Xetebo às margens do rio Ucayali, e de povos do norte do Peru, coligidas entre 1921 e 1926.

Ellendersen (2021), que vem abrindo os caminhos para a atenção a Tessmann é referência importante na tarefa aqui proposta de compartilhar ângulos da vida do explorador. O antropólogo compreendeu que o empenho científico de Tessmann foi entremeado por uma gama de interesses, da botânica e da zoologia à astronomia, que em outros tempos talvez lhe rendesse a designação de naturalista, mas que ele construiu

para si um nome como etnólogo, assim como Hanke, por conta da educação e produção autodidata na área, ao longo das três primeiras décadas do século XX.

Nascido na cidade de Lübeck, no norte da Alemanha, Tessmann pode ter sua produção etnográfica dividida em duas fases, a africana (1904-1921), a qual não dedico atenção nesse momento, e a amazônica (1921-1933). A principal publicação vinculada a esta segunda fase, segundo Ellendersen (2021, p. 367), foi o registro dos povos peruanos:

Na obra de 1930, [Os indígenas do nordeste peruano] Tessmann avança uma comparação extensiva de 50 etnias distintas do nordeste do Peru submetendo-as a uma mesma tabela de 76 itens de análise – e.g. desde formas de habitação até particularidades de comportamento sexual, costumes rituais e jogos infantis. [...] Com o passar dos anos, mais de um autor viria a enaltecer a obra menos por sua proposta metodológica que por sua riqueza de dados etnográficos (e.g. SAPPER, 1931), em franco contraste ao que declaradamente desejava Tessmann (1930, p. 41). O volume foi companheiro de viagem de nomes como Nimuendajú e Baldus, permanecendo hoje uma fonte correntemente citada em trabalhos brasileiros e hispanófonos sobre povos amazônicos.

O par de obras dessa fase, *Homens sem Deus* (1928) e *Os Indígenas do Nordeste Peruano* (1930) tiveram tal repercussão que chegou-se a esboçar a fundação de um instituto de pesquisa etnológica, em Berlim, que teria Günther Tessmann como seu diretor e, no mesmo ano, a Universidade de Rostock concedeu a Tessmann um título de doutorado honorífico. Mas muito rapidamente as ideias das duas obras encontraram muitos críticos e os comentários pejorativos sobre os indígenas desgastaram sua imagem entre figuras influentes do difusionismo alemão. (ELLENDERSEN, 2021).

Outros elementos que compõem o cenário de desgaste do pesquisador na Europa foram seus textos sobre a homossexualidade africana e sua amizade com o venereologista judeu Hans Haustein (1894-1933), que fariam dele persona non grata também entre os nazistas, a despeito, segundo Ellendersen (2021), do manifesto racialismo expresso em etnografias africanistas escritas por ele. Nisso, ocupar uma posição universitária, tal como desejava, se tornava pouco a pouco mais distante, e o fim de um relacionamento duradouro com Eduard Pape (1903-?), seu companheiro de vida, seria o estopim para a decadência de todos os seus planos de futuro.

Em uma trajetória cheia de nuances, Tessmann, que havia regressado da Amazônia para a Alemanha acompanhado de uma extensa coleção peruana formada ao longo de todos os anos de pesquisa de campo, mergulhado nessa situação de solidão,

desemprego e dificuldade financeira, voltou para o Brasil em 1936, acompanhado da coleção. Foi uma proposta de trabalho na *Berlinische Boden-Gesellschaft*, uma sociedade negociadora de terras que era gerida por judeus em contexto de fuga do regime nazista alemão e que buscava investir seu capital no exterior. A experiência de Günther Tessmann na Amazônia teria sido estimulante para sua indicação à função de consultor de terras, as quais seriam voltadas para o estabelecimento de colonos alemães na América do Sul. (ELLENDERSEN, 2021).

Foi na região norte do Paraná para onde o projeto estava condicionado que Tessmann se fixou, local no qual Reinhard Maack, geógrafo e geólogo alemão com quem havia feito amizade na Alemanha em 1928, já havia se estabelecido. No entanto, esse emprego acabou não se efetivando, o que levou o intelectual a ocupar uma série de trabalhos intermitentes, na tentativa de se estabelecer economicamente.

Conforme Ellendersen (2021, p. 370), com os ânimos radicalizados entre Brasil e Alemanha no contexto da Segunda Guerra Mundial e “a fragilidade civil do estrato germânico brasileiro durante o Estado Novo” os caixotes onde Tessmann guardava as coleções peruanas foram apreendidos e encaminhados para o Departamento de Ordem Política e Social (DOPS) em Curitiba, onde Tessmann foi intimado a comparecer no início de 1943.⁷

Passados dias preso, foi solto sob a condição de doar sua coleção do rio Ucayali ao Museu Paranaense, à época dirigido por Loureiro Fernandes. Ambos já se conheciam por conta de ofertas anteriores de coleções feitas pelo pesquisador alemão ao diretor do museu. Segundo Ellendersen (2021), a situação foi lida por Tessmann na chave de uma conspiração articulada entre Loureiro Fernandes com o DOPS de Curitiba, que buscava tirar vantagem da situação civil delicada dos alemães no Brasil, para forçar a estatização de coleções pessoais e a consequente promoção do museu.

Ironicamente, em 1948 Tessmann aceitou o convite do museu para colaborar como assistente de botânica, onde permaneceu por dois anos. E depois disso também recebeu e aceitou a proposta de trabalhar no Instituto de Biologia e Pesquisas Tecnológicas (IBPT), onde permaneceu pelos 5 anos subsequentes até sua aposentadoria, em 1955. Segundo Ellendersen (2021, p. 366) seus últimos anos de vida teriam sido voltados para a popularização do livro *O Plano da Criação* (1950), cujo

⁷ Segundo Ellendersen (2019) alguns anos antes ele se filiou em São Paulo ao partido nacional-socialista alemão visando facilitar a permissão de remessas de dinheiro de museus alemães em troca de plantas coletadas no norte do Paraná. Isso agravou as acusações sobre ele.

conteúdo é feito de “um sistema de correspondências numéricas entre dados astronômicos e fenômenos terrestres (i.e. desde processos biológicos até o “ciclo vital” de culturas humanas)”. Paralelo a isso, Tessmann teria exacerbado seu evangelismo cristão e se dedicado à redação descontínua de memórias de vida, até sua morte em 1969.

Reinhard Maack

Como mencionado, os caminhos de Tessmann se cruzaram com os de outro estrangeiro que acabaria trabalhando também no Mupa, Reinhard Maack (1892-1969). O Museu Paranaense guarda uma pequena coleção do intelectual, composta por material arqueológico e estudos originais.

Maack escreveu sua autobiografia, que foi publicada em um anuário em 1967, ainda não traduzida para o português. Relatos estes que ajudaram o historiador Alfeo Seibert Filho (2020) a remontar alguns dos percursos do alemão, que ainda carece de mais estudos com aprofundamento biográfico. É Seibert Filho quem me ajudou a compreender a trajetória de Maack, intelectual que nasceu na cidade de Herford, Vestfália, na Alemanha, e que desde jovem se interessou por geodésia.

Com 20 anos, em 1912, Maack teve a oportunidade de viajar para a então colônia alemã no continente africano que hoje é a Namíbia, e lá trabalhar em levantamentos e medições de terras. Poucos anos depois enfrentou os vieses da Primeira Guerra Mundial no continente africano: lutou em conflitos como voluntário de guerra da força de proteção alemã, foi prisioneiro de guerra, fugiu e se escondeu por meses no deserto do Kalahari. Apesar de pouco detalhada essa fase africana de seu início de carreira, é possível saber através de Seibert Filho (2020) que passados os dois primeiros anos da guerra, Maack conseguiu atuar como agrimensor e participar de algumas expedições científicas em montanhas importantes daquele continente.

Voltou para a Alemanha cerca de dez anos depois, em 1921, e encontrou o país em uma aguda crise econômica, casou-se e trabalhou em alguns empregos temporários, enfrentando dificuldades financeiras. Em seguida vivenciou um divórcio, pedido pela sua esposa que alegava estar apaixonada por outro homem, fator que contribuiu definitivamente para Maack deixar a Alemanha (MAACK, 1967, p. 35 *apud* SEIBERT FILHO, 2020).

O estudioso chegou ao Brasil em 1923, trabalhando no Rio de Janeiro, depois em Minas Gerais, Paraná e Santa Catarina, elaborando mapas geológicos e cartográficos para empresas de mineração de diamantes, carvão, ferro, manganês e cal.

Regressou da América do Sul para a Alemanha pela primeira vez em 1928, quando a amizade e cumplicidade com o professor Fritz Jaeger permitiu que ele se matriculasse, na qualidade de aluno talentoso, na Faculdade de Filosofia da *Friedrich Wilhems Universität*, em Berlim.

Mas antes do final de 1929 Reinhard Maack já estaria de volta ao Brasil para trabalhar com a empresa parisiense Companhia de Mineração, Agrícola e Estrada de Ferro Monte Alegre, uma sociedade franco-suíça de acionistas de uma mineradora que havia adquirido no Estado do Paraná uma grande quantidade de terras, uma concessão para construção de ferrovia e para a exploração de diamantes.

Nos anos seguintes ele conseguiu efetivar expedições por rios notáveis do estado, e voltou a se casar, desta vez com Margarete Neussel, alemã de Frankfurt, doutora em ciências políticas e que trabalhava no Grupo Siemens, atuando em posições de liderança no Brasil e em outros países. Casaram-se no Rio de Janeiro e tiveram uma filha em Curitiba, enquanto Maack continuava o trabalho para a referida companhia. Atividade que só teve fim com a eclosão da Revolução de 1932, a liquidação da Cia Monte Alegre e a exacerbação de ânimos nacionalistas contra as atividades alemãs neste território (MAACK, 1967 *apud* SEIBERT, 2020).

Apesar disso tudo, no decorrer da década de 1930, Maack continuou sua característica ida e vinda entre Brasil e Alemanha, no primeiro país trabalhando e realizando expedições com diversos apoios financeiros de fundações alemãs, e no segundo país, estudando nas universidades, realizando publicações e proferindo palestras.

Pouco tempo antes do estopim para a Segunda Grande Guerra, Maack, novamente no Paraná, trabalhou com exploração e exportação de minério de ferro e de madeira para empresas alemãs, na qualidade de procurador especial. Com a guerra, o trabalho de Maack novamente foi ameaçado, e os navios de transporte dessas matérias-primas começaram a sofrer ataques marítimos ingleses. (MAACK, 1967 *apud* SEIBERT, 2020). Interrompidas estas atividades, Maack focou em suas pesquisas geográficas e geológicas, ainda, segundo ele, com a autorização do governo brasileiro. E os estudos desse período resultaram em relevantes contribuições, ressaltadas até hoje, como o primeiro registro científico de morros da Serra do Mar paranaense.

Mas a tensão da Segunda Guerra Mundial era um dado presente, e que assim como levou à prisão de Tessmann, especificamente em janeiro de 1942 também levou à prisão de Maack. Sob a alegação de que por trás do interesse científico nos morros da Serra do Mar, ele na verdade subiria as montanhas com o propósito de sinalizar os submarinos alemães, para entrarem na Baía de Paranaguá, Maack foi enclausurado numa penitenciária em Curitiba por seis meses. Depois foi transferido para o presídio Cândido Mendes na Ilha Grande, no Rio de Janeiro. Em 1944 foi liberado por iniciativa de algumas pessoas influentes e colocado à disposição para trabalhar para o governo brasileiro.⁸

Segundo Aryon Dall’Igna Rodrigues (2005, p. 60), enquanto diretor do Museu Paranaense Loureiro Fernandes foi “fiador” de Reinhard Maack no período da Grande Guerra, ou seja, foi uma dessas autoridades que influenciaram as autoridades federais, possibilitando que Maack fosse liberado da prisão na Ilha Grande⁹. Mais tarde, também Maack veio a trabalhar no Museu Paranaense, onde teve a base para suas pesquisas científicas, que originalmente estavam voltadas para comparar a geologia do sudoeste da África com a do sul do Brasil, especialmente do Paraná, em verificação da teoria da coalescência dos continentes africano e sul-americano.

Apesar do sufoco, com o fim da guerra, Maack foi admitido no Instituto de Biologia e Pesquisas Tecnológicas, como geólogo, e em 1946, obteve seu doutoramento em Geografia e Geologia, na Universidade Rheinischon Friedrich-Wilhelms, em Bonn. E no mesmo ano foi contratado pela então Universidade do Paraná como professor do Departamento de Geologia e Paleontologia e posteriormente como catedrático de Geografia Física. Logo Maack receberia a cidadania brasileira e depois de anos trabalhando na universidade, chegava sua aposentadoria na década de 1960, quando também foi agraciado com a Ordem do Mérito, no grau de comendador, pelo Presidente da República Federal da Alemanha, meses antes da sua morte.

Uma comparação

⁸ Comunicação oral de Henrique Paulo Schmidlin em 09/09/19 no Museu Paranaense, a propósito da mesa-redonda “Narrativas transversais: diálogos entre ambientalismo, cinema e geografia”, que abordou aspectos referentes à vida e à contribuição de Reinhard Maack.

⁹ Segundo Rodrigues (2005), este presídio era local especial de internamento de cidadãos dos países do Eixo detidos no Brasil quando este declarou guerra à Alemanha, à Itália e ao Japão.

Resguardadas as tramas profundas e não traçáveis das vidas pessoais de cada um, e mesmo as qualidades intangíveis de percursos profissionais tão marcados por movimentos espiralados, inversões, recuos, conquistas, decepções, os três pesquisadores germânicos, Hanke, Tessmann e Maack, são contemporâneos em um período propício aos traumas, as guerras propriamente ou os ambientes que as antecedem ou sucedem.

Um acontecimento social, político, econômico e emocional, para dizer o mínimo, que são as guerras, é a partir de onde podemos situar as condições de possibilidade para a saída dos seus países de origem. Em desdobramento ou somado a episódios de separações, problemas de saúde, perseguições, insatisfações pessoais e profissionais, a permanência deles em suas nações se tornou pouco desejada. E esses incômodos possivelmente tenham impulsionado, dentro das possibilidades de seu contexto de norte global, a sua projeção para países com os quais a Alemanha travava relações de algum tipo, seja na forma de colônias submetidas, seja na forma de expansão migratória.

Tessmann não tinha nenhuma formação acadêmica formal, embora uma década extremamente profícua de pesquisas na África e no Peru, os anos 1920, lhe tivessem rendido, em 1930, um título doutoral honorífico pela Universidade de Rostock. Tessmann era homossexual e estava vivendo o fim de um longo relacionamento e, embora não fosse judeu mantinha relações muito próximas com pesquisadores que eram. Dados estes que provavelmente foram determinantes na decisão de se mudar da Alemanha pré-guerra com destino ao Brasil, para trabalhar como consultor de terras voltadas ao estabelecimento de colonos alemães na América do Sul.

Maack, assim como Tessmann, também experimentou acontecimentos na vida pessoal, e de início de carreira profissional, que o abalaram e influenciaram na mudança da Alemanha: conflitos bélicos, prisões, fugas, decepções e separação.

Apesar dos dramas pessoais que impulsionaram os deslocamentos dos dois, nenhum deles teve o direito à pesquisa em solo americano negado.

Como vimos, embora sem mais detalhes sobre as condições e diagnósticos alegados para tanto, Hanke vinha de seguidos internamentos para tratar a depressão. E segundo, Liener (2010) evitar novos internamentos possivelmente foi motivação para que ela deixasse o país. Mas da mesma forma como sua doença pode ter motivado o deslocamento, ela foi usada como impedimento para a legalidade dos trabalhos da pesquisadora em solo brasileiro. A sua lucidez foi discutida entre as autoridades e contribuiu para a última decisão do CEF de não autorizar Hanke a empreender

explorações de campo. Isso ocorreu quando o presidente deste órgão recebeu informações atribuídas ao Consulado de Viena, uma espécie de alerta, sobre a “anormalidade mental” que a “senhora Hanke” apresentaria, atestada por evidências como seu internamento em sanatório em virtude de “vício em morfina” (SOMBRIO, 2014, p. 162). Liener (2010), que acessou diretamente a neta de Hanke na Áustria, nos mostra que a estudiosa sofria sim de problemas psiquiátricos, mas que se restringiam à depressão. Hoje uma das mais difundidas condições mentais, à época a doença era extremamente mistificada e provavelmente agravada pela condição de gênero de Hanke.

Por outro lado, a falta de financiamento para a expedição, que também foi determinante para a negativa da CEF, mostrou-se um empecilho efetivo para o bom andamento das suas pesquisas. Leia-se bom por seguro, confortável, o necessário amparo institucional em termos de burocracias alfandegárias, em termos de confiabilidade nos diferentes espaços por onde transitava, em relação a recursos garantidos regularmente, entre outras facilidades. Facilidade não é uma palavra que acomoda a retrospectiva de vida da austríaca.

Outro ponto a se ressaltar é que Hanke, Tessmann e Maack compartilharam de um momento neocolonialista do Império Austro-Húngaro e da Alemanha, e das corridas imperialistas da época, que forjaram conexões históricas entre o desenvolvimento científico e a competição econômica internacional. Nesse contexto, quando explodiu a Segunda Grande Guerra, todos estes pesquisadores passaram a respirar um ar de suspeição em torno de suas vidas e carreiras. E passaram, efetivamente, por situação de encarceramento.

Segundo Liener (2010) e como fica evidente em correspondências posteriores da etnógrafa com o Mupa, em 1941 Wanda Hanke teve sérios problemas na Bolívia, onde coligia peças desde o ano anterior, entre os povos Sirionó e Guarayo. Ao trabalhar na região de Santa Cruz de La Sierra, as autoridades bolivianas a encarceraram e só a liberaram após três semanas. Segundo correspondência de Hanke¹⁰, sabe-se que o motivo de sua prisão foi a alegação de que o tempo limite de sua licença para permanecer no país já havia acabado.

[...] Quero informar-lhe que me acho em liberdade e tenho o direito e a obrigação de deixar a Bolívia. O direito, por que o prefeito se interessou por mim, e o dever, porque se afirma, que havia terminado o prazo da licença. Isso, entretanto, não corresponde à verdade, pois tenho ainda dois meses de tempo, porém, estou contente de poder sair

¹⁰ Wanda Hanke para Eugênio George, Santa Cruz, 27/09/1941, tradução livre do alemão, Acervo Museu Paranaense.

daqui. Informei imediatamente o Consul brasileiro, que por seu secretário me mandou procurar, infelizmente não me tendo encontrado em casa. Tenho a intenção de me dirigir a Corumbá, talvez me será possível acompanhar as coleções até lá, para as remeter de lá com maior segurança e rapidez [...]”¹¹

Embora Hanke já estivesse em tratativas com o Museu Paranaense, assim como estava com o Museu de La Plata, da Argentina, não há vestígios concretos da participação de Loureiro Fernandes em sua soltura neste episódio, mas há na intermediação para a liberação das peças, que estavam apreendidas na aduana. A única forma de reverter esse quadro era por via diplomática, e a ajuda do gestor do Mupa foi na direção de acionar o cônsul brasileiro, por via do Secretário do Interior e Justiça, Manoel Lacerda Pinto, para que viabilizasse a entrada de Hanke no Brasil com as coleções. E assim foi, ela seguiu para Corumbá, no Mato Grosso, onde remeteria as coleções para o Museu Paranaense. Lá, mais problemas aconteceram, e novamente o diretor do museu esteve mobilizado para resolver os obstáculos que separavam o museu do incremento de suas coleções.

Nos emocionantes episódios de suas vidas na América do Sul, os três pesquisadores tiveram em Loureiro Fernandes uma figura fundamental. Uma percepção possível é de um sujeito intrépido e ambicioso, por assim dizer, que estava alerta e aproveitava sua influência política e intelectual para conquistar mais projeção, a despeito das vulnerabilidades destes deslocados. Isso vai ao encontro com os apontamentos de Sombrio (2014) sobre os agentes museais que estavam à margem e buscavam, através de meios próprios, diversificar suas coleções. Nessa direção, também é possível destacar a ilegalidade na qual figuravam estes meios. Ilegalidade em relação ao Conselho de Fiscalização das Expedições, ilegalidade em relação à soberania patrimonial de outros países (como o Peru, Bolívia, Paraguai). E, aos olhos de hoje, a ilegalidade em relação aos próprios povos indígenas.

Fica claro que o Mupa, na figura ágil e articulada de Loureiro Fernandes, mobilizou contatos prévios, que eram personalidades de poder político em instituições diversas, como agentes de segurança pública, agentes de fiscalização, agentes alfandegários, militares e outros, de modo que situações das mais dramáticas pudessem se reverter em benefícios para o museu. Hanke, Tessmann e Maack, longe de serem observados sob ângulo vitimista, de certo modo, também tiraram vantagens das

¹¹ Wanda Hanke para Eugênio George, Santa Cruz, 27/09/1941, tradução livre do alemão, Acervo Museu Paranaense.

conjunturas postas à mesa no período, embora eu sugira, no caso de Hanke, que essa vantagem foi bastante tímida em contraste com os seus conterrâneos, por todos os estigmas que acompanhavam a condição de mulher naquele momento.

Um ponto a se destacar que também unifica as experiências de todos estes pesquisadores, é que tiveram algum tipo de projeção (como no caso de Maack) ou de reviravolta (Tessmann e Hanke) na carreira na entrada da fase madura de suas vidas. Maack ingressou no ensino superior na Universidade de Berlim com 36 anos, somente na casa dos 50 anos trabalhou com o Museu Paranaense, e com 57 anos foi contratado como professor pela UFPR. Tessmann realizou suas pesquisas no Peru a partir dos 40 anos de idade, a mesma idade de Hanke quando viajou para a América do Sul.

Gostaria de enfatizar agora alguns pontos que descarrilham a experiência de Hanke daquelas dos seus pares. Um tópico é seu estilo de vida itinerante e solitário. A pesquisadora vivia como profissional autônoma, sem residência fixa, sem endereço profissional, aparentemente sem laços pessoais duradouros e a partir do momento em que saiu da Europa, retornou por apenas duas vezes e lá permaneceu por pouco tempo, buscando vender seu peixe, isso é, convencer instituições para financiá-la naquilo que se tornou a grande meta de sua vida, o trabalho com povos indígenas. Tessmann e Maack, por outro lado, formaram família ou estabeleceram fortes laços pessoais, aos seus diferentes modos, em solo brasileiro e/ou na Alemanha, e transitaram por inúmeras vezes entre este país e sua terra natal. Contaram com financiamentos para suas pesquisas, publicaram obras de peso, que se tornaram relevantes¹², mesmo com todas as críticas sofridas no caso de Tessmann.

E aqui quero iluminar um tópico fundamental, a diferença de reconhecimento que pode ser extraída do fato desses pesquisadores homens terem sido institucionalizados, isto é, empregados enquanto efetivos em diferentes repartições públicas ou privadas no Brasil.

Embora compartilhasse de contexto e motivações próxima a Hanke e Tessmann para tornar-se um pesquisador/desbravador, aventureiro e comprometido com seus estudos, Maack trilhou um percurso muito mais direcionado para uma área de atuação em específico, não tendo se caracterizado por mudanças bruscas de interesse. E, nessa linha, buscou qualificação acadêmica, algo que lhe permitiu, aparentemente, também

¹² Para frisar esse ponto, Tessmann foi citado em *O Pensamento Selvagem* (1962) de Lévi-Strauss, como um exemplo de estudo na área de etnobotânica. E Ellendersen (2021) ainda compartilha que as obras de Tessmann, decorrentes da experiência amazônica, foram lidas por autores de renome como Frazer, Boas, Lévy-Bruhl, Kroeber, Nimuendajú e Eliade.

desfrutar das redes de solidariedade dentro daquela comunidade, que incluíam as relações com as fundações de financiamento de pesquisa.

Apesar das várias titulações formais de Hanke, na área de atuação que ela se interessou não apresentava nenhum treinamento. Ela tentava amarrar projetos de financiamento, não por meios acadêmicos, porque também pudera: o curso de etnologia em Viena só foi inaugurado em 1928, quando ela estava muito próxima de se aventurar pela América Latina, mas financiamento através dos museus, por conta do que ainda representavam na época. Mas ela não teve sucesso, porque ainda assim era preciso algum tipo de preparo, mas mais do que isso, algum amparo. Amparo no *establishment*, algo que Hanke definitivamente não oferecia, por conta de ser mulher, solteira, sozinha, deslocada, acusada de louca.

Por isso ela nunca chegou a compor o quadro de funcionalismo dos museus, sendo obrigada a agir através de acordos provisórios. Ao contrário do que ocorreu com Maack e Tessmann, um geólogo e um botânico, para citar somente as suas institucionalizações no Mupa, contratados para atuar como pesquisadores formais, desenvolvendo pesquisas e dentro da legalidade. À Hanke nunca houve o convite para a direção da seção de etnografia do museu. Talvez porque o próprio diretor também era responsável por essa seção, ou talvez porque não haveria condições de possibilidade para que uma mulher sem raízes locais assumisse tal responsabilidade em uma instituição profundamente ligada às elites políticas e econômicas de herança provincial e onde houve, até muito posteriormente, espaço para qualquer mulher.

Se focalizarmos no critério de treinamento científico formal para a projeção ou não dos pesquisadores na época, Tessmann, contrastivamente à Hanke, estaria em desvantagem porque não só compartilhava da mesma condição de não apresentar formação acadêmica em etnologia, como além disso, não apresentava formação superior alguma, nem mesmo em botânica. Mas ele, por outro lado, apresentava um certo reconhecimento e prestígio, atestado por sua interlocução com grandes antropólogos da época, dos quais Hanke jamais desfrutou.

Para Sombrio (2014) Hanke ocupou uma posição marginal no campo antropológico em sua época, derivada de fatores como a falta de treinamento profissional em etnologia e o dado de que sua produção foi um reflexo de sua itinerância, com estudos feitos enquanto viajava, sem estabelecimento específico, sem um espaço institucional, como eram os lugares de produção da ciência, os museus e as universidades. Também a saliente falta de recursos econômicos lhe dificultou toda a

vida em solo sulamericano e causou efeitos colaterais como a chateação de diversos agentes institucionalizados, embaixada austríaca e museus, com os pedidos insistentes e constantes de dinheiro, tornando-a impopular.

Em que medida Hanke, enquanto mulher, não pôde participar dessa transição para a estabilização física, econômica, trabalhista, pessoal? É pertinente um olhar que, embora considere a marginalização de sua atuação profissional, problematize a sua marginalidade. Porque ela teve um estilo de vida e uma produção intelectual que fazia sentido à época: circulou por importantes museus, como o Museu Etnológico de Viena, Museu Etnográfico de Munique e Museu Paulista, publicou em revistas científicas em diversos países, como na própria Europa, na Alemanha, e forjou uma rede de relações com pesquisadores, SPI, agentes militares, a qual viabilizou o seu avanço em espaços institucionais. Mas uma coisa é fato: ela *não foi* institucionalizada.

Sombrio e Lopes (2011) refletiram sobre a acusação de “maluca” sofrida por Wanda Hanke, e concluíram que afinal todas as mulheres que viajavam sozinhas e pesquisavam pelo interior do Brasil naquela época foram consideradas meio doidas, em um sentido pejorativo. E que esse ponto de vista, no caso de Hanke, refletido diretamente sobre as condições objetivas de sua vida, teve influência visceral sobre como ocorreu a sua trajetória e sobre como Hanke teve de rebater as dificuldades com uma personalidade forte e determinada.

Para Mary Morris, na interpretação de Ruth Behar (1995, p. 16), na literatura as mulheres geralmente foram retratadas não como aquelas que viajam, mas aquelas que esperam. Mas quando elas se cansam de esperar podem se tornar aquelas que saem em viagem; “ainda que mulheres, necessariamente, viajem diferentemente, conscientes de seus corpos, seu sexo, temendo vaias e estupro, buscando liberdade de movimento, muitas vezes em disfarces de roupas masculinas”. Numa linha semelhante, Mariza Corrêa (2003), que buscou compreender como eram entendidas e vivenciadas as relações de gênero para os praticantes da antropologia entre o final do século XIX e primeira metade do século XX, concluiu que as mulheres que atuavam no período desafiavam a separação rígida entre homem e mulher, ao passo que transgrediam os espaços socialmente destinados às mulheres e avançavam sobre atividades controladas e desempenhadas quase inteiramente por homens. Hanke foi uma dessas figuras anômalas, disruptivas, desafiadoras de fronteiras, e cuja trajetória histórica se soma e inspira a interrogação do quanto a antropologia continua sendo um enredo masculinizado e sobre os limites das transformações ali empreendidas por mulheres.

Referências

ARIAS, Ana Carolina. Wanda Hanke y la recopilación de información y colecciones antropológicas (1934-1944). **Rev. Mus. Antropol.** [online]. 2017, v. 10, n. 2, pp.105-118. ISSN 1852-060X.

BEER, Bettina. **Frauen in der deutschsprachigen Ethnologie**. Böhlau, Köln, 2007.

BEHAR, Ruth. "Introduction: out of exile". In Ruth Behar & Deborah Gordon (ed.), **Women writing culture**. Berkeley: California University Press, p. 1-29, 1995.

CASAGRANDE, Alessandro. In: ARDIGÓ, Fabiano (Org.). **Histórias de uma Ciência Regional**. Editora Contexto, 2011.

CORRÊA, Mariza. **História da Antropologia no Brasil (1930-1960)**, testemunhos. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais; (Campinas-SP); Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1987.

ELLENDERSEN, Andras J. O etnólogo pela pena: meditações póstumas sobre escolhas monográficas. **Rev. Sociologias Plurais**, v. 7, n. 1, pp. 364-385, jan. 2021.

GRUPIONI, LUÍS. **Os Museus Etnográficos, os Povos Indígenas e a Antropologia: Reflexões sobre a Trajetória de um Campo de Relações**. Mesa 1: História dos Museus na Interface com a Antropologia. s/d, s/l.

LIENER, Stefanie Maria. **Wanda Hanke (1893 – 1958) - Eine österreichische Ethnologin in Sudamerika**. Diplomarbeit - Universität Wien, Áustria, 2010.

PACHECO DE OLIVEIRA, João. O retrato de um menino Bororo: Narrativas sobre o destino dos índios e o horizonte político dos museus. In: Dossiê Os índios na História: abordagens interdisciplinares, **Revista Tempo**, v. 12, n. 23, pp. 73-99, 2007.

RODRIGUES, Aryon. D. Reminiscências de Loureiro Fernandes. **Arqueologia**, Número especial, Curitiba, v. 3, pp. 53-62, 2005.

SEIBERT FILHO, Alfeo. **A Expedição de Reinhard Maack em 1933-1934 no Interior do Paraná: Contexto Sociopolítico e Econômico**. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2020.

SOMBRIO, Mariana Moraes de Oliveira. **Em Busca pelo Campo: ciências, coleções, gênero e outras histórias sobre mulheres viajantes no Brasil em meados do século XX**. Tese (Doutorado em Política Científica e Tecnológica). Instituto de Geociências da UNICAMP, Campinas, 2014.

SOMBRIO, Mariana Moraes de Oliveira & LOPES, Maria Margaret. Expedições Científicas na América do Sul: a Experiência de Wanda Hanke (1933-1958). **Cadernos de História da Ciência** - Instituto Butantan. v. VII, n. 2, Jul/Dez 2011.